

1

Fazia um frio de rachar no adro da igreja, mesmo antes de os mortos chegarem.

Todos os anos, Blue e a sua mãe, Maura, vinham para o mesmo sítio, e todos os anos fazia frio. Mas este ano, sem Maura aqui com ela, parecia estar mais frio.

Era 24 de abril, véspera de São Marcos. Para a generalidade das pessoas, o dia de São Marcos chegava e passava sem dar nas vistas. Não era feriado escolar. Não se trocavam presentes. Não havia disfarces nem festivais. Não havia saldos do dia de São Marcos, nem cartões do dia de São Marcos nas prateleiras das lojas, nem programas especiais de televisão que só passavam uma vez por ano. Ninguém marcava o 25 de abril no seu calendário. De facto, a maioria dos vivos nem sequer sabia que São Marcos tinha um dia em sua honra.

Mas os mortos lembravam-se.

Enquanto Blue tremia de frio, sentada no muro de pedra, pensou que, *pelo menos*, este ano não estava a chover.

Todas as vésperas de São Marcos, era para ali que Maura e Blue iam: uma igreja isolada tão antiga que o seu nome fora esquecido. A ruína estava encravada nas colinas densamente arborizadas nos arredores de Henrietta, ainda a vários quilómetros das montanhas propriamente ditas. Apenas as paredes exteriores permaneciam; o telhado e o chão há muito que tinham desmoronado no interior. O que não tinha apodrecido encontrava-se coberto por trepadeiras esfaimadas e rebentos de cheiro rançoso. A igreja estava rodeada por um muro de pedra, quebrado

apenas por um portão de acesso, grande o suficiente para acomodar um caixão e os seus carregadores. Um caminho teimoso, que parecia impermeável às ervas daninhas, conduzia à porta da velha igreja.

— Ah — sibilou Neeve, roliça, mas curiosamente elegante enquanto se sentava ao lado de Blue no muro. Blue ficou novamente impressionada, tal como ficara da primeira vez que vira Neeve, com as suas mãos estranhamente bonitas. Os pulsos rechonchudos levavam a palmas macias como as de uma criança e a dedos finos com unhas ovais.

— Ah — voltou a murmurar. — Esta noite é uma noite.

Disse-o assim: «Esta noite é uma *noite*», e quando o fez, Blue sentiu a pele arrepiar-se ligeiramente. Nas últimas dez vésperas do Dia de São Marcos, Blue sentara-se ali com a sua mãe, mas esta noite parecia-lhe diferente.

Esta noite era uma *noite*.

Este ano, pela primeira vez, e por razões que Blue não compreendia, Maura mandou Neeve fazer a vigília da igreja no seu lugar. A mãe tinha perguntado a Blue se ela iria como de costume, mas não era bem uma pergunta. Blue sempre fora; iria desta vez. Não era como se tivesse planos para a véspera de São Marcos. Mas tinha de ser convidada. Maura decidira, algures antes do nascimento de Blue, que era bárbaro dar ordens às crianças, e por isso Blue crescera rodeada de pontos de interrogação imperativos.

Blue abriu e fechou os punhos gelados. As bordas superiores das suas luvas sem dedos estavam a desfiar-se; fizera um mau trabalho a tricotá-las no ano passado, mas tinham um certo ar de chique vulgar. Se não fosse tão vaidosa, Blue poderia ter usado as luvas enfadonhas, mas funcionais, que lhe tinham sido oferecidas no Natal. Mas ela *era* vaidosa, por isso, ao invés, tinha as suas luvas sem dedos, infinitamente mais fixes, embora também mais frias, e ninguém para as ver a não ser Neeve e os mortos.

Os dias de abril em Henrietta eram muitas vezes bonitos, ternos, persuadiam as árvores adormecidas a brotar e as joaninhas enamoradas a bater nos vidros das janelas. Mas não esta noite. Parecia inverno.

Blue olhou para o seu relógio. Faltavam alguns minutos para as onze. As velhas lendas recomendavam que se mantivesse um olho na igreja à

meia-noite, mas os mortos não eram muito pontuais, sobretudo quando não havia Lua.

Ao contrário de Blue, que não tendia muito para a paciência, Neeve era uma estátua majestosa sobre o muro da velha igreja: mãos entrelaçadas, tornozelos cruzados sob uma longa saia de lã. Blue, encolhida, mais baixa e mais magra, era uma gárgula inquieta e sem visão. Não era uma noite para os seus olhos comuns. Era uma noite para videntes e clarividentes, bruxas e médiuns.

Por outras palavras, o resto da sua família.

Quebrando o silêncio, Neeve perguntou:

— Ouves alguma coisa? — Os seus olhos brilharam no escuro.

— Não — respondeu Blue, porque não ouvia. Depois perguntou a si mesma se Neeve lho tinha perguntado por ter ela ouvido alguma coisa.

Neeve estava a olhar para ela com a mesma expressão que envergava em todas as suas fotografias no *site* — o olhar deliberadamente enervante, alheio ao mundo, que durava vários segundos a mais do que era confortável. Poucos dias depois de Neeve ter chegado, Blue sentira-se suficientemente angustiada para o mencionar a Maura. Estavam as duas amontoadas na casa de banho, Blue a preparar-se para a escola, Maura para o trabalho.

Blue, tentando prender todos os pedaços do seu cabelo escuro num rabo de cavalo vestigial, perguntara: «Ela tem de ficar a olhar para mim assim?»

No duche, a mãe desenhava padrões no vapor da portada de vidro. Parou para se rir, um reflexo da sua pele visível pelas longas linhas de interseção que tinha desenhado. «Oh, isso é a imagem de marca da Neeve.»

Blue pensou que deveria haver coisas melhores pelas quais se ser conhecido.

No pátio da igreja, Neeve disse enigmaticamente:

— Há muito para ouvir.

Mas não havia. No verão, o sopé das montanhas ganhava vida com insetos a zumbir, pássaros a assobiar, corvos a gritar aos carros. Mas aquela noite estava demasiado fresca para que alguma coisa estivesse ainda acordada.

— Eu não oiço coisas assim — disse Blue, um pouco surpreendida por Neeve não estar já ciente. Na família intensamente clarividente de Blue, ela era um acaso, uma estranha à conversa vibrante que a sua mãe, tias e primas mantinham com um mundo escondido para a maioria das pessoas. A única coisa que tinha de especial era algo que ela própria não podia experienciar. — Oiço tanto da conversa como do telefone. Apenas consigo que seja tudo amplificado.

Neeve ainda não tinha desviado o olhar.

— Então foi por isso que a Maura insistiu tanto para que viesses. Ela também te pede para ires a todas as suas leituras?

Blue estremeceu ao pensar nisso. Grande parte dos clientes que entrava no número 300 da Fox Way eram mulheres infelizes que esperavam que Maura prevesse amor e dinheiro no seu futuro. A ideia de ficar presa em casa com aquilo era excruciante. Blue sabia que devia ser muito tentador para a sua mãe ter Blue na sala, tornando os seus poderes psíquicos mais fortes. Quando era mais nova, nunca tinha apreciado o pouco que Maura lhe pedia para participar numa leitura, mas agora que Blue compreendia quão bem aprimorava os dons das outras pessoas, estava impressionada com a contenção de Maura.

— Só quando é uma leitura muito importante — respondeu ela.

O olhar de Neeve ultrapassara a linha subtil entre o desconforto e o assustador. Disse:

— É algo de que nos devemos orgulhar, sabes? Tornar o dom psíquico de outra pessoa mais forte é algo raro e valioso.

— Oh, *bah* — disse Blue, mas não com crueldade. Tentara ser engraçada. Tivera dezasseis anos para se habituar à ideia de que não era íntima do sobrenatural. Não queria que Neeve pensasse que estava a passar por uma crise de identidade por causa disso. Remexeu num fio da luva.

— E tens muito tempo para desenvolver os teus próprios dons intuitivos — acrescentou Neeve. O seu olhar parecia ávido.

Blue não respondeu. Não tinha interesse em ler o futuro de outras pessoas. Queria sair e encontrar o seu próprio futuro.

Neeve baixou, por fim, os olhos. Traçando com um dedo ocioso uma linha na terra das pedras entre elas, disse:

— Passei por uma escola a caminho da cidade. A Academia Aglionby. É lá que estudas?

Os olhos de Blue arregalaram-se de humor. Mas é claro que Neeve, que não era dali, não tinha como saber. Ainda assim, decerto que poderia ter adivinhado, pelo enorme salão de pedra e pelo parque de estacionamento cheio de carros de matrícula alemã, que não era o tipo de escola que eles pudessem pagar.

— É uma escola só para rapazes. Para os filhos dos políticos e dos barões do petróleo e para — Blue esforçou-se por pensar em quem mais poderia ser suficientemente rico para mandar os seus filhos para Aglionby — os filhos de amantes que vivem do dinheiro que as silencia.

Neeve levantou uma sobrancelha sem olhar para cima.

— Não, a sério, eles são horríveis — disse Blue. Abril era uma má época para os rapazes de Aglionby; quando o tempo aquecia, apareceriam os descapotáveis, com rapazes em calções tão foleiros que só os ricos se atreveriam a usá-los. Durante a semana escolar, todos usavam o uniforme de Aglionby: calças caqui e uma camisola de gola em V com um emblema de corvo. Era uma forma fácil de identificar o exército dianteiro. Rapazes corvos.

Blue continuou:

— Pensam que são melhores do que nós e que nos estamos a apaixonar por eles, e todos os fins de semana bebem até perderem os sentidos e pintam com *spray* o sinal de saída de Henrietta.

A Academia Aglionby foi a razão número um para Blue ter criado as suas duas regras: Primeira, mantém-te longe dos rapazes, porque eles significam problemas. E segundo, fica longe dos rapazes de Aglionby, porque eles são uns sacanas.

— Pareces ser uma adolescente muito sensata — disse Neeve, o que irritou Blue, porque ela já sabia que era uma adolescente muito sensata. Quando se tinha tão pouco dinheiro como os Sargents, a sensatez em todos os assuntos era enraizada desde muito cedo.

Na luz ambiente da Lua quase cheia, Blue viu o que Neeve tinha desenhado na terra. Perguntou:

— Que é isso? A mãe desenhou isso.

— Desenhou? — perguntou Neeve. Estudaram o padrão. Eram três linhas curvas que se cruzavam, formando uma espécie de triângulo comprido. — Ela disse-te o que era?

— Estava a desenhá-lo na portada do duche. Não lhe perguntei.

— Eu sonhei com ele — disse Neeve, num tom distante que fez Blue sentir um arrepio desagradável na nuca. — Queria ver como era se o desenhasse. — Esfregou a palma da mão no padrão e depois, abruptamente, levantou uma mão bonita. — Acho que estão a chegar.

Aquele era o motivo de Blue e Neeve estarem ali. Todos os anos, Maura sentava-se no muro, com os joelhos puxados até ao queixo, olhando para o nada, e recitava nomes a Blue. Para Blue, o cemitério permanecia vazio, mas para Maura estava cheio de mortos. Não os mortos atuais, mas os espíritos daqueles que iriam morrer nos próximos doze meses. Para Blue, sempre fora como ouvir metade de uma conversa. Por vezes, a mãe reconhecia os espíritos, mas, muitas vezes, tinha de se inclinar para a frente para lhes perguntar os nomes. Maura explicara-lhe uma vez que, se Blue não estivesse presente, não conseguiria convencê-los a responder-lhe — os mortos não conseguiam ver Maura sem a presença de Blue.

Blue nunca se cansava de se sentir particularmente necessária, mas, às vezes, desejava que *necessária* se parecesse menos sinónima de *útil*.

A vigília à igreja era fundamental para um dos serviços mais invulgares de Maura. Desde que os clientes vivessem na zona, ela garantia que os avisava se eles ou um ente querido da zona fosse morrer nos próximos doze meses. Quem não pagaria por isso? Bem, a verdadeira resposta era: a maior parte do mundo, dado que a maioria das pessoas não acreditava em videntes.

— Vês alguma coisa? — perguntou Blue. Esfregou as mãos dormentes antes de pegar num caderno e numa caneta.

Neeve estava muito quieta.

— Alguma coisa me tocou no cabelo.

Mais uma vez, um arrepio subiu pelos braços de Blue.

— Um deles?

Com uma voz rouca, Neeve disse:

— Os futuros mortos têm de seguir a via dos mortos pelo portão. É provável que este seja… outro espírito chamado pela tua energia. Não imaginava o efeito que terias.

Maura nunca mencionara que *outros* mortos eram atraídos por Blue. Talvez não quisesse assustá-la. Ou talvez Maura apenas não os tivesse visto — talvez fosse tão cega para esses outros espíritos quanto Blue.

Blue adquiriu uma consciência desconfortável da mais leve brisa que lhe tocava no rosto, levantando o cabelo encaracolado de Neeve. Espíritos invisíveis e ordenados de pessoas que ainda não tinham verdadeiramente morrido eram uma coisa. Outra eram os fantasmas que não eram obrigados a permanecer no caminho.

— Eles são… — começou Blue.

— Quem és tu? Robert Neuhmann — interrompeu Neeve. — Como te chamas? Ruth Vert. E tu, como te chamas? Frances Powell.

Esforçando-se por recuperar o atraso, Blue imprimiu os nomes foneticamente à medida que Neeve os solicitava. De vez em quando, levantava os olhos para o caminho, tentando vislumbrar… *alguma coisa*. Mas, como sempre, havia apenas a erva daninha por cortar, os carvalhos pouco visíveis. A boca negra da igreja, aceitando espíritos invisíveis.

Nada para ouvir, nada para ver. Nenhuma prova dos mortos, exceto os seus nomes escritos no caderno que tinha na mão.

Talvez Neeve tivesse razão. Talvez Blue estivesse a ter uma crise de identidade. Havia dias em que parecia um pouco injusto que toda a maravilha e poder que rodeavam a sua família fossem passados para Blue sob a forma de papelada.

Pelo menos ainda posso fazer parte dela, pensou Blue com tristeza, embora se sentisse tão incluída como um cão-guia. Segurou o caderno perto do rosto, perto, perto, perto, para o poder ler na escuridão. Era como uma lista de nomes populares setenta e oitenta anos antes: Dorothy, Ralph, Clarence, Esther, Herbert, Melvin. Muitos dos mesmos apelidos, também. O vale era dominado por várias famílias antigas que eram grandes, se não poderosas.

Algures fora dos pensamentos de Blue, o tom de Neeve tornou-se mais enfático.

— Como te chamas? — perguntou ela. — *Com licença*. Como te chamas? — A expressão consternada não lhe assentava no rosto. Por uma questão de hábito, Blue seguiu o olhar de Neeve para o centro do pátio.

E viu alguém.

O coração de Blue bateu como um punho contra o seu esterno. Do outro lado do batimento cardíaco, ele ainda lá estava. Onde não devia haver nada, havia uma pessoa.

— Estou a vê-lo — disse Blue. — Neeve, eu *vejo-o*.

Blue sempre imaginara que a procissão de espíritos fosse uma coisa ordenada, mas este espírito estava a vaguear, hesitante. Era um jovem de calças e camisola, o cabelo despenteado. Não era totalmente transparente, mas também não estava bem lá. A sua figura era tão turva como a água suja, o seu rosto indistinto. Nada o distinguia, além da sua juventude.

Ele era tão jovem — essa era a parte mais difícil.

Enquanto Blue observava, ele deteve-se e pôs os dedos nas laterais do nariz e na têmpora. Era um gesto tão estranhamente *vivo* que Blue se sentiu algo afetada. Depois, ele tropeçou para a frente, como se tivesse sido empurrado por trás.

— Descobre como se chama — sibilou Neeve. — Ele não me responde e tenho de chamar os outros!

— Eu? — respondeu Blue, mas deslizou para fora do muro. O seu coração ainda martelava no interior da sua caixa torácica. Sentindo-se um pouco tola, perguntou:

— Como te chamas?

Ele pareceu não a ter ouvido. Sem um sinal de reconhecimento, recomeçou a andar, lento e desnorteado, em direção à porta da igreja.

É assim que fazemos o nosso caminho para a morte?, perguntou-se Blue. *Um progressivo desvanecer vacilante em vez de um final autoconsciente?*

Quando Neeve recomeçou a fazer perguntas aos outros, Blue dirigiu-se para o jovem errante.

— Quem és tu? — perguntou ela a uma distância segura, enquanto ele deixava cair a testa nas mãos. A forma dele não tinha contorno, reparou Blue, e o seu rosto não tinha nenhuma feição. Não havia nada nele, na verdade, que o tornasse humano, mas, mesmo assim, ela via

um rapaz. Algo lhe dizia à mente o que ele era, mesmo que não lhe dissesse aos olhos.

Não havia emoção em vê-lo, como ela pensara que haveria. Tudo o que conseguia pensar era: *Ele vai estar morto dentro de um ano.* Como é que Maura aguentava aquilo?

Blue aproximou-se mais. Estava perto o suficiente para lhe tocar quando ele começou a andar outra vez, mas, mesmo assim, não deu sinal de a ver.

Assim tão perto dele, sentiu as mãos geladas. O coração gelado. Espíritos invisíveis, sem calor próprio, sugavam-lhe a energia, provocando-lhe arrepios nos braços.

O jovem estava no limiar da igreja e Blue sabia, apenas *sabia*, que se ele entrasse na igreja, ela perderia a oportunidade de lhe descobrir o nome.

— Por favor — disse Blue, mais baixinho do que antes. Estendeu a mão e tocou na borda da sua camisola não existente. O frio inundou-a como pavor. Tentou estabilizar-se com o que sempre lhe fora dito: Os espíritos retiram toda a sua energia do que os rodeia. Tudo o que ela estava a sentir era ele a usá-la para se manter visível.

Mas continuava a parecer-lhe pavor.

Perguntou:

— Podes dizer-me o teu nome?

Ele olhou para ela e Blue percebeu, em choque, que ele estava a usar uma camisola de Aglionby.

— Gansey — disse ele. Embora a sua voz fosse calma, não era um sussurro. Era uma voz real, falada de um sítio quase demasiado longe para se ouvir.

Blue não conseguia parar de olhar para o seu cabelo despenteado, a sugestão de olhos que a fixavam, o corvo na camisola. Os ombros dele estavam encharcados, reparou, e o resto da sua roupa estava salpicada de chuva, de uma tempestade que ainda não tinha acontecido. Àquela distância, Blue sentia um cheiro a menta que não sabia se era exclusivo dele ou dos espíritos.

Ele era tão real. Quando finalmente aconteceu, quando ela finalmente o viu, não pareceu nada mágico. Era como olhar para a sepultura e vê-la olhar de volta para ela.

— Só isso? — sussurrou.

Gansey fechou os olhos.

— É tudo o que há.

Ele caiu de joelhos — um gesto sem som para um rapaz sem corpo. Uma mão espalmada na terra, os dedos pressionados contra o chão. Blue viu a escuridão da igreja mais claramente do que a forma curva do seu ombro.

— Neeve — disse Blue. — Neeve, ele está… a morrer.

Neeve pôs-se mesmo atrás dela. Respondeu:

— Ainda não.

Gansey estava quase desaparecido agora, desvanecendo-se na igreja, ou a igreja desvanecendo-se nele.

A voz de Blue estava mais ofegante do que ela gostaria.

— Porque… porque é que consigo vê-lo?

Neeve olhou por cima do ombro, fosse porque havia mais espíritos a aproximarem-se ou porque não havia — Blue não sabia dizer. Quando olhou para trás, Gansey desaparecera por completo. Blue sentiu o calor a regressar-lhe à pele, mas havia algo gélido por trás dos seus pulmões. Uma tristeza perigosa e sugadora parecia estar a abrir-se dentro dela: luto ou arrependimento.

— Só há duas razões para um não-vidente ver um espírito na véspera de São Marcos, Blue. Ou és o seu verdadeiro amor — disse Neeve — ou mataste-o.



2

— Sou eu — disse Gansey.

Vira-se de frente para o seu carro. O capô cor de laranja do *Camaro* estava levantado, mais como um símbolo de derrota do que para qualquer uso prático. Adam, amigo dos carros de todo o lado, talvez conseguisse determinar o que se passava com o carro desta vez, mas Gansey decerto que não conseguia. Conseguira parar a cerca de um metro da autoestrada e agora os pneus gordos do carro estavam desalinhados em cima de tufos de erva do vale. Um camião passou a rugir sem se deter; o *Camaro* balançou no seu rasto.

Do outro lado do telemóvel, o seu colega de quarto Ronan Lynch respondeu:

— Perdeste a aula de História Mundial. Pensei que tinhas morrido numa vala.

Gansey virou o pulso para examinar o relógio. Tinha perdido muito mais do que História Mundial. Eram onze horas e já o frio da noite passada parecia improvável. Um mosquito estava preso no suor da sua pele, junto ao bracelete do relógio. Gansey tinha acampado, uma vez, quando era mais novo. Envolvera tendas. Sacos-cama. Um *Range Rover* estacionado nas redondezas para quando ele e o pai perdessem o interesse. Como experiência, não fora nada como a noite passada.

Ele perguntou:

— Tiraste-me apontamentos?

— Não — respondeu Ronan. — Pensei que tinhas morrido numa vala.

Gansey soprou a areia dos lábios e reajustou o telemóvel contra a sua bochecha. *Ele* teria tirado apontamentos para Ronan.

— O Porco parou. Vem buscar-me.

Um sedã abrandou ao passar, os ocupantes a olhar pela janela. Gansey não era um rapaz de aspeto desagradável e o *Camaro* também não era uma vista desagradável, mas esta atenção tinha menos que ver com beleza e mais com a novidade de um rapaz de Aglionby com uma avaria na berma da estrada num carro descaradamente cor de laranja. Gansey sabia muito bem que não havia nada que a pequena Henrietta, na Virgínia, preferisse a ver coisas humilhantes acontecerem aos rapazes de Aglionby, a não ser ver coisas humilhantes acontecerem às suas famílias.

— Vá lá, meu — disse Ronan.

— Não é como se fosses às aulas. Sabes que mais, vamos estar no intervalo de almoço de qualquer maneira. — Depois acrescentou, perfunctório: — Por favor.

Ronan ficou em silêncio por um longo momento. Ele era bom em silêncios; sabia que deixava as pessoas desconfortáveis. Mas, com a longa exposição, Gansey tornara-se imune. Inclinou-se para dentro do carro para ver se tinha alguma comida no porta-luvas enquanto esperava que Ronan falasse. Ao lado de uma *EpiPen*[1], havia uma barra de carne seca, mas a carne passara da validade havia dois anos. Era provável que lá estivesse quando ele comprara o carro.

— Onde estás? — perguntou Ronan, finalmente.

— Ao lado do sinal de Henrietta na 64. Traz-me um hambúrguer. E alguns galões de gasolina. — O carro não tinha ficado sem gasolina, mas não fazia mal nenhum.

O tom de Ronan foi azedo.

— Gansey.

— Traz o Adam também.

Ronan desligou. Gansey despiu a camisola e atirou-a para a parte de trás do *Camaro*. A minúscula traseira do carro era um casamento desordenado de coisas do quotidiano — um livro de química, um

[1] Dispositivo de injeção automática de epinefrina para usar em caso de reação alérgica grave. (*N. da T.*)

caderno manchado de *Frappuccino*, uma pasta de CD com o fecho a meio, com discos nus a deslizar pelo assento — e os materiais que tinha adquirido durante os seus dezoito meses em Henrietta. Mapas amarrotados, impressões de computador, o diário sempre presente, lanterna, pau de salgueiro. Quando Gansey tirou um gravador digital do meio da confusão, um recibo de piza (uma grande de massa alta, metade com salsicha, metade com abacate) esvoaçou para o assento, juntando-se a meia dúzia de recibos idênticos, exceto pela data.

Passara a noite sentado à porta da monstruosamente moderna Igreja do Santo Redentor, com o gravador a funcionar, os ouvidos atentos, à espera de… alguma coisa. A atmosfera fora menos do que mágica. Talvez não fosse o melhor lugar para tentar entrar em contacto com os futuros mortos, mas Gansey mantivera grandes esperanças no poder da véspera de São Marcos. Não que esperasse ver os mortos. Todas as fontes diziam que os observadores da igreja tinham de possuir «a segunda visão» e Gansey mal possuía a primeira antes de pôr as lentes de contacto. Tinha apenas esperança de…

Algo. E fora o que ele conseguira. Só que ainda não tinha a certeza do que era esse *algo*.

Com o gravador digital na mão, Gansey encostou-se ao pneu traseiro para esperar, deixando que o carro o protegesse do choque dos veículos que passavam. Do outro lado da grade de proteção, estendia-se um campo verdejante até às árvores. Além de tudo isso, erguia-se a misteriosa crista azul das montanhas.

Na ponta empoeirada do seu sapato, Gansey desenhou a forma arqueada da prometida linha de energia sobrenatural que o levara até ali. Quando a brisa da montanha passou pelos seus ouvidos, soou como um grito abafado — não um sussurro, mas um grito alto, quase demasiado longe para ser ouvido.

Henrietta parecia ser um lugar onde a magia podia acontecer. O vale parecia sussurrar-lhe segredos. Era mais fácil acreditar que eles não se entregariam a Gansey do que acreditar que não existiam de todo.

Por favor, diz-me só onde estás.

Aquele desejo feria-lhe o coração, a dor não era menor por ser difícil de explicar.

O *BMW* com nariz de tubarão de Ronan Lynch encostou atrás do *Camaro*, a sua pintura normalmente lustrosa coberta de pólen verde. Gansey sentiu o baixo da aparelhagem nos pés um momento antes de distinguir a música. Quando se levantou, Ronan estava a abrir a porta. No banco do passageiro estava Adam Parrish, o terceiro membro do quarteto que constituía os amigos mais próximos de Gansey. O nó da gravata de Adam estava bem direito por cima do colarinho da sua camisola. Uma mão esguia pressionava o telemóvel fino de Ronan contra o seu ouvido.

Pela porta aberta do carro, Adam e Gansey trocaram um breve olhar. As sobrancelhas franzidas de Adam perguntaram: «Encontraste alguma coisa?», e os olhos arregalados de Gansey responderam: «Diz-me tu.»

Adam, franzindo agora o sobrolho, baixou o volume da aparelhagem e disse qualquer coisa para o telefone.

Ronan bateu com a porta do carro — batia com tudo — antes de se dirigir para a bagageira.

— O cabrão do meu irmão mais velho quer que nos encontremos com ele no Nino's esta noite. Com a *Ashley*.

— É com ele que estás em chamada? — perguntou Gansey. — O que é a *Ashley*?

Ronan tirou uma lata de gasolina da bagageira, fazendo pouco esforço para evitar que o recipiente gorduroso entrasse em contacto com a sua roupa. Tal como Gansey, usava o uniforme de Aglionby, mas, como sempre, esforçava-se para o fazer parecer o menos respeitável possível. A sua gravata estava atada com um método que melhor se podia descrever como *desprezo* e a base da camisa estava esfarrapada por baixo da camisola. O seu sorriso era fino e arguto. Se o seu *BMW* se parecia com um tubarão, fora com ele que o aprendera.

— A última do Declan. Temos de estar bonitos para ela.

Gansey ressentia-se de ter de fingir simpatia com o irmão mais velho de Ronan, um finalista em Aglionby, mas compreendia porque tinham de o fazer. A liberdade na família Lynch era uma coisa complicada, e, de momento, Declan tinha as chaves de acesso.

Ronan trocou a lata de combustível pelo gravador digital.

— Ele quer fazê-lo esta noite porque sabe que eu tenho aulas.

A tampa do tanque de combustível do *Camaro* estava localizada atrás da matrícula acionada por mola, e Ronan observou em silêncio enquanto Gansey se debatia em simultâneo com a tampa, a lata de gasolina e a matrícula.

— Podias ter feito isto — disse-lhe Gansey. — Já que não te preocupas em sujar a camisa.

Indiferente, Ronan coçou uma velha crosta castanha sob as cinco faixas de cabedal enredado que usava à volta do pulso. Na semana passada, ele e Adam tinham-se revezado a arrastarem-se um ao outro num suporte com rodas atrás do *BMW*, e ambos ainda tinham as marcas para o provar.

— Pergunta-me se encontrei alguma coisa — disse Gansey.

Suspirando, Ronan virou o gravador para Gansey.

— Encontraste alguma coisa?

Ronan não parecia muito interessado, mas isso fazia parte da marca Ronan Lynch. Era impossível dizer quão profundo era o seu desinteresse.

O combustível estava a infiltrar-se lentamente nas calças de ganga caras de Gansey, o segundo par que ele estragava num mês. Não que ele quisesse ser descuidado — como Adam lhe dizia vezes sem conta: «As coisas custam *dinheiro*, Gansey» —, apenas que ele nunca parecia perceber as consequências das suas ações até ser tarde demais.

— Encontrei alguma coisa. Gravei cerca de quatro horas de áudio e há… alguma coisa. Mas não sei o que significa. — Fez um gesto para o gravador. — Ouve.

Virando-se para olhar para a autoestrada, Ronan carregou no REPRODUZIR. Por um momento, houve apenas silêncio, quebrado pelo som gelado dos grilos. Depois, a voz de Gansey:

— Gansey — era o que dizia.

Seguiu-se uma longa pausa. Gansey esfregou um dedo no cromado do para-choques do *Camaro*. Ainda era estranho ouvir-se a si próprio na gravação sem se lembrar de ter dito as palavras.

Depois, como se de muito longe, uma voz feminina, as palavras difíceis de discernir:

— Só isso?

Os olhos de Ronan colaram-se a Gansey, desconfiados.

Gansey levantou o dedo: *Espera*. Vozes murmuradas, mais silenciosas do que antes, sibilaram do gravador, sem nenhuma clareza exceto pela sua cadência: perguntas e respostas. E depois, a sua voz incorpórea voltou a soar do gravador:

— É tudo o que há.

Ronan olhou de relance para Gansey ao lado do carro, fazendo o que Gansey julgava tratar-se da sua respiração de fumador: uma longa inspiração pelas narinas dilatadas, uma expiração lenta pelos lábios entreabertos.

Ronan não fumava. Preferia os seus hábitos com ressacas.

Parou o gravador e disse:

— Estás a pingar gasolina nas calças, meu.

— Não me vais perguntar o que estava a acontecer quando gravei isso?

Ronan não perguntou. Apenas continuou a olhar para Gansey, o que era a mesma coisa.

— Não estava a acontecer nada. É isso. Eu estava a olhar para um estacionamento cheio de insetos que não deviam estar vivos neste frio, e não havia nada.

Gansey não tivera a certeza se iria apanhar alguma coisa no parque de estacionamento, mesmo que estivesse no sítio certo. De acordo com os caçadores de ley com quem tinha falado, a linha ley por vezes transmitia vozes ao longo do seu comprimento, lançando sons a centenas de quilómetros e dezenas de anos de quando tinham sido ouvidos pela primeira vez. Uma espécie de assombração por áudio, uma transmissão de rádio imprevisível em que quase tudo na linha ley podia ser um recetor: um gravador, uma aparelhagem de som, um par de ouvidos humanos aguçados. Sem nenhuma capacidade psíquica, Gansey trouxera o gravador, dado que, muitas vezes, os ruídos eram apenas audíveis quando reproduzidos. O mais estranho em tudo isto não eram as outras vozes no leitor. Era a voz de *Gansey*: Gansey tinha a certeza de que não era um espírito.

— Eu não *disse* nada, Ronan. A noite inteira, não disse nada. Então, que é que a minha voz está a fazer no gravador?

— Como é que sabias que estava lá?

— Estava a ouvir o que tinha gravado no caminho de volta. Nada, nada, nada, e depois, a minha voz. Depois o Porco parou.

— Coincidência? — questionou Ronan. — Não me parece.

Estava a ser sarcástico. Gansey dissera que não acreditava em coincidências tantas vezes que já não precisava de o fazer.

Gansey perguntou:

— Bem, que é que tu achas?

— Santo Graal, finalmente — respondeu Ronan, demasiado sarcástico para ter alguma utilidade.

Mas o facto era: Gansey passara os últimos quatro anos a trabalhar com os mais escassos fragmentos de provas possíveis e a voz que mal se ouvia era todo o encorajamento de que precisava. Nos seus dezoito meses em Henrietta, explorara os lugares mais improváveis na sua busca pela linha ley — um caminho de energia sobrenatural perfeitamente reto que unia lugares espirituais — e o túmulo esquivo que ele esperava que estivesse algures no seu trajeto. Aquilo era apenas um risco profissional de procurar uma linha de energia invisível. Era… bem, *invisível*.

E possivelmente hipotético, mas Gansey recusava-se a considerar essa possibilidade. Em dezassete anos de vida, já encontrara dúzias de coisas que as pessoas não sabiam que podiam ser encontradas, e tencionava acrescentar a linha ley, o túmulo e o ocupante real do túmulo à sua lista.

Um curador de um museu no Novo México dissera uma vez a Gansey: «Filho, tens um talento extraordinário para descobrir coisas estranhas.» Um historiador romano espantado comentara: «Tu procuras debaixo de pedras que mais ninguém se lembra de verificar, espertalhão.» E um velho professor britânico dissera: «O mundo abre os bolsos para ti, rapaz.» A chave, descobriu Gansey, era que tinha de acreditar que existiam; tinha de perceber que faziam parte de algo maior. Alguns segredos só se entregavam aos que provavam ser merecedores.

A forma como Gansey via as coisas era a seguinte: Se tivesses um talento especial para encontrar coisas, isso significava que devias ao mundo procurar.

— Ei, aquele é o Whelk? — perguntou Ronan.

Um carro abrandara consideravelmente ao passar por eles, dando-lhes um vislumbre do seu condutor demasiado curioso. Gansey teve de concordar que se parecia muito com o seu ressentido professor de Latim, um antigo aluno de Aglionby com o infeliz nome de Barrington Whelk. Gansey, devido ao seu título oficial de Richard «Dick» Campbell Gansey III, era imune a nomes snobes, mas até ele tinha de admitir que não havia muito de perdoável em Barrington Whelk.

— Ei, não pares para ajudar nem nada — atirou Ronan atrás do carro. — Oh, boi. Que se passou com o Declan?

Aquela última parte fora dirigida a Adam enquanto ele saía do *BMW* com o telemóvel de Ronan ainda na mão. Deu-o a Ronan, que abanou a cabeça com desdém. Ronan desprezava todos os telemóveis, incluindo o seu.

— Vai passar por cá às cinco — disse Adam.

Ao contrário de Ronan, a camisola de Aglionby de Adam era em segunda mão, mas ele tivera todo o cuidado em garantir que estava impecável. Ele era magro e alto, com o cabelo acinzentado cortado de forma irregular sobre um rosto bronzeado e de ossos finos. Era uma fotografia a sépia.

— Boa — respondeu Gansey. — Vais lá estar, não vais?

— Estou convidado? — Adam conseguia ser peculiarmente educado. Quando não tinha a certeza de alguma coisa, o seu sotaque sulista aparecia, e agora estava em evidência.

Adam nunca precisava de convite. Ele e Ronan deviam ter discutido. Previsível. Se tinha um número de segurança social, Ronan já havia discutido com ele.

— Não sejas estúpido — respondeu Gansey, e aceitou graciosamente o saco de comida de plástico cheio de gordura que Adam lhe ofereceu. — Obrigado.

— Foi o Ronan que comprou — disse Adam. Em questões de dinheiro, era rápido a atribuir créditos ou culpa.

Gansey olhou para Ronan, que estava encostado ao *Camaro*, mordendo distraidamente uma das tiras de couro no pulso.

— Diz-me que não há molho neste hambúrguer — disse Gansey.

Ronan deixou cair a tira dos dentes.

— Por favor — escarneceu.

— Também não tem picles — disse Adam, agachando-se atrás do carro.

Ele não só tinha trazido dois pequenos recipientes de aditivo de combustível, mas também um pano para pousar entre a lata de gasolina e as suas calças caqui; fez todo o processo parecer rotineiro. Adam esforçava-se muito para esconder as suas raízes, mas elas apareciam nos mais pequenos gestos.

Agora, Gansey sorria, o calor da descoberta começava a percorrê-lo.

— Então, vamos a um questionário, Sr. Parrish. Três coisas que aparecem nas proximidades das linhas ley?

— Cães pretos — disse Adam com indulgência. — Presenças demoníacas.

— *Camaros* — ironizou Ronan.

Gansey fingiu não o ouvir.

— E fantasmas. Ronan, se não te importas, examina as provas.

Sob o sol do fim da manhã, Adam enroscou a tampa do depósito e Ronan rebobinou o gravador. A muitos metros de distância, por cima das montanhas, um falcão de cauda vermelha chilreou fracamente. Ronan voltou a ligar o gravador e os três ouviram a voz de Gansey a chamar o seu próprio nome. Adam franziu o sobrolho ao ouvir aquilo, enquanto o calor do dia lhe avermelhava as faces.

Podia ter sido qualquer dia do ano e meio anterior. Ronan e Adam acabariam por fazer as pazes, os professores perdoariam Gansey por ter faltado às aulas, e depois os três, juntamente com Noah, sairiam para comer piza: quatro contra Declan.

— Tenta ligar o carro, Gansey — disse Adam.

Com a porta aberta, Gansey instalou-se no banco do condutor. A alguns passos de distância, Ronan voltou a tocar a gravação. Por alguma razão, o som das vozes fez eriçar os pelos dos braços de Gansey. Algo dentro dele lhe dizia que aquelas palavras que ele não se lembrava de ter dito implicavam o início de algo, apenas não sabia do quê.

— Anda lá, Porco! — exclamou Ronan.

Quando o carro arrancou pela estrada, um condutor buzinou. Gansey rodou a chave na ignição. O motor arrancou, engasgou-se por

uma fração de segundo — e depois ganhou vida com um rugido ensurdecedor. O *Camaro* viveria pelo menos mais um dia. Até o rádio estava a funcionar. Estava a tocar uma canção da Stevie Nicks com uma letra sobre uma pomba de asa branca. Gansey provou as batatas fritas que lhe tinham trazido. Estavam frias.

Adam dirigiu-se para o carro.

— Nós seguimos-te até à escola. Acho que chegas lá bem, mas ainda não está arranjado — explicou. — Há qualquer coisa errada com ele.

— Ótimo — respondeu Gansey, levantando a voz para se fazer ouvir por cima do barulho do motor. Ao fundo, um ruído suave de baixo começou a emanar do *BMW*, enquanto Ronan dissolvia o que restava do seu coração em música eletrónica. — Então, alguma sugestão?

Adam meteu a mão no bolso, tirou um pedaço de papel e entregou-lho.

— Que é isto? — Gansey estudou a caligrafia errática de Adam. As suas letras pareciam estar sempre a fugir de alguma coisa. — O número de um vidente?

— Se não tivesses encontrado nada ontem à noite, este seria o próximo passo. Agora, pelo menos, terás algo para lhes perguntar.

Gansey refletiu. Os videntes costumavam dizer-lhe que o futuro lhe reservava dinheiro e grandes realizações. A primeira previsão ele sabia que era verdade, a segunda, temia que também se viesse a concretizar. No entanto, com aquela nova pista e com uma nova vidente, talvez as previsões fossem diferentes.

— Está bem — disse ele. — Então, que é que eu digo?

Adam passou o gravador pela janela. Pensativamente, bateu duas vezes no tejadilho do *Camaro*.

— É óbvio — respondeu. — Queremos saber com quem estavas a falar.